

Não devo pensar em coisas ruins:

ENSAIOS SOBRE O IMPÉRIO AMERICANO, CULTURA
DIGITAL, PORNOGRAFIA PÓS-HUMANA E O
SIMBOLISMO SEXUAL DO DEDÃO DA MADONNA

CONSELHO EDITORIAL
DA COLEÇÃO CIBERCULTURA

André Lemos
Alex Primo
Clóvis Barros Filho
Denize Araújo
Erick Felinto
Francisco Menezes
Juremir Machado da Silva
Luis Gomes
Paula Sibilía
Simone Pereira de Sá
Vinicius Andrade Pereira

CIBER
CULTURA

Não devo pensar em coisas ruins:

ENSAIOS SOBRE O IMPÉRIO AMERICANO, CULTURA
DIGITAL, PORNOGRAFIA PÓS-HUMANA E O
SIMBOLISMO SEXUAL DO DEDÃO DA MADONNA

MARK DERY

TRADUÇÃO: MARCELO DUARTE



Editora Sulina

© Mark Dery, 2010

© Editora Meridional/Sulina, 2010

Título original: *I Must Not Think Bad Thoughts: Essays on American Empire, Digital Culture, Posthuman Porn, and the Sexual Symbolism of Madonna's Big Toe.*

Capa: *Eduardo Miotto* (sobre obra de Adam Szrotek – Bad Medicine)

Tradução: *Marcelo Duarte*

Projeto gráfico e editoração: *Vânia Möller*

Revisão: *Mariane Farias*

Editor: *Luis Gomes*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

D439n Dery, Mark.

Não devo pensar em coisas ruins: ensaios sobre o império americano, cultura digital, pornografia pós-humana e o simbolismo sexual do dedão da Madona/Mark Dery, traduzido por Marcelo Duarte. – Porto Alegre: Sulina, 2010.

343 p. (Coleção Cibercultura).

ISBN: 978-85-205-0589-2

1. Sociologia. 2. Cultura contemporânea. 3. Cibercultura.
4. Sociologia da arte. I. Título.

CDU: 007

316

CDD: 301

316

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101

Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS

Tel: (0xx51) 3311-4082

Fax:(0xx51) 3264-4194

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Novembro/2010}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Agradecimentos



Mil agradecimentos ao incomparável Gunter Axt, de uma sagacidade inesgotável e um dos mais proeminentes intelectuais brasileiros, por evangelizar o editor Luis Gomes da Editora Sulina em meu nome, e ao Sr. Gomes, por espalhar meu evangelho no Brasil. Obrigado, também, ao tradutor Marcelo Duarte, por sua hábil transposição do meu idiossincrático inglês americano para o português brasileiro, com toda a sua musicalidade no papel e todas as suas sutis tonalidades de sentido.

Eu estou em dívida de gratidão com os editores dos textos neste volume pela sua habilidade cirúrgica com a caneta vermelha e, igualmente, sua indulgência com o facão:

Richard Butler (*Vogue Hommes*); Tim Cavanaugh (*Suck, The Los Angeles Times*); Ashley Crawford (*21.C*); Scott Dickensheets (*Las Vegas Weekly*); Andrew Hultkrans (*Bookforum*); Julie Lasky (*ID*); Jeremy Lehrer (*Print*); Sina Najafi (*Cabinet*); Ed Park (*Village Voice Literary Supplement*); R.U. Sirius (*GettingIt.com, H+*); Lenora Todaro (*Village Voice Literary Supplement*).

Sou especialmente grato à editora da *Cabinet* Sina Najafi por defender meu extenso e intelectualmente demandante ensaio, um ato de coragem intelectual em uma era de manchetes otimizadas pelos buscadores e de títulos de artigos gerados por algoritmos. Da mesma maneira, eu sou humildemente inspirado, em igual medida, pelo infatigável entusiasmo de Mark Frauenfelder, David Pescovitz e Xení Jardim – fervorosos apoiadores do meu trabalho e, não incidentalmente, curadores da maior feita de excentricidades da Web, *BoingBoing.net*.

Estou em dívida, também, com os talentosos fotógrafos cujas impressionantes imagens avivam este livro: Samm Bennett, Julie Dermansky, Allan Ludwig, Adam Szrotek. Sem o trabalho deles, o livro seria largamente empobrecido.

É claro, nenhuma dessas polêmicas, investigações filosóficas ou reverias poéticas teria visto a luz do dia sem a indulgência de minha longamente sofrida esposa, Margot Mifflin, e minha filha Thea Dery, espíritos alegres que suportam o homem no escritório do sótão, e suas obscuras obsessões, com equanimidade (e um ocasional olhar torto).

Sumário



Prefácio / 15

Introdução / 25

Tornando-se Ballardiano: dando sentido ao futuro presente

O efeito quero ser John Malkovich / 41

Facebook dos mortos-vivos / 49

Trilha de papel / 55

Salada de palavras: *spam* surrealista, desconstruído / 63

Transformando os Borg: a resistência é fértil / 69

Hétero, gay ou binário? / 80

Phallus Mirabilis: a pornografia encontra *The Matrix* / 84

O futuro é negro: afrofuturismo 1.0 / 93

Matando tempo / 109

Circo americano: patologias do Império

Memo Mori / 117

“Uma terrível beleza”: a estética após o 11 de setembro / 124

Eixos do mal / 133

Vítimas da moda / 142

Frescos, florzinhas e presidentes: a masculinidade do jeitinho americano / 147

Jocko Homo: quão gay é o Super Bowl? / 153

“Nós contamos histórias a nós mesmos para viver”: a política da cultura pop

A síndrome da guerra do golfe / 169

Negócios Shoah / 174

Desconstruindo Harry / 180

Sem trocado / 188

Metendo os pés pelas mãos / 194

Cadáver ambulante: o que os zumbis significam? / 201

Matéria obscura: o alien, o abjeto, o gótico, o grotesco

Abra bem / 213

Matéria cinzenta / 222

Treze maneiras de ver uma cabeça decepada / 229

Os arquivos sinistros / 249

Morte a todos os humanos! A modesta proposta da Igreja da Eutanásia / 257

O grande fantasma de César: na cripta dos capuchinhos / 262

Afrodites da sala de operações: sobre as Vênus

Anatômicas de La Specola / 269

Adeus palavras cruéis / 274

Canja de tripas para a alma: religião e todas as suas obras e meios

Canja de tripas para a alma / 283

Pontificação / 291

2012: festival de baboseiras / 300

A vasta conspiração satânica / 307

A cura pela fala: dissecando o autor

Faca cega / 319

Inveja do córtex / 326

Prefácio



Conheci o jornalista Mark Dery em 2007, quando o trouxemos para conferenciar em Porto Alegre. Embora seu instigante “Velocidade de Escape”, sobre a cibercultura de massas na virada do Milênio, estivesse publicado em Portugal, no Brasil ainda se tratava de um autor praticamente desconhecido. A revista *Cult*, de São Paulo, enfrentou pioneiramente a lacuna publicando um artigo seu. No ano seguinte, outro artigo apareceu na coletânea que reunia as conferências proferidas em 2007 no ciclo de conferências *Fronteiras do Pensamento*, ao lado de consagrados críticos da cultura, como Camille Paglia e Christopher Hitchens, aos quais Dery vem sendo comparado nos Estados Unidos. Agora, com esta bem-vinda seleção de ensaios especialmente concebida para a edição em língua portuguesa, a Editora Sulina consolida a aproximação de Dery ao público brasileiro. Já não era sem tempo!

Estudioso das aberrações marginais, da moda, da mídia, da arte, da cultura na ultramoderna sociedade de consumo de massas, Mark Dery foi associado a conceitos que embalsamaram a vanguarda intelectual dos anos 1990, como “culture jamming”, movimento de guerrilha intelectual bramido por setores do jornalismo crítico, cujo vigor repercute no século XXI. Longe de festejar faceiramente as vertiginosas transformações da Era Digital, Dery revela fina percepção dos fenômenos contemporâneos da comunicação e do consumo, sem despir-se, em suas análises, da herança libertária da Contracultura e prismando, esta, pela lente do rude desencanto anarquista punk, bem como pelo sombrio fractal gótico, dos anos 1980.

Emerge, assim, a crítica cultural da Era do Eixo do Mal. Uma autópsia da decadência do império americano entre o cassino global, a intolerância simbólica e o ataque aos direitos civis. E o humor, como aponta Dery, é a primeira vítima da guerra cultural, como escancara a lança mortífera apontada para os responsáveis pelas charges do Profeta Maomé.

Gosto do seu humor, emanado de uma dramaticidade exagerada, tão próxima daqueles que viveram o pop nos porões dos anos 1980. Sarcasmo sardônico e ironia cortante caminham lado a lado da rigorosa elaboração acadêmica. Ao rir de si mesmo, então, como às vezes faz, Dery aproxima-se de cada um de nós, flertando com a coragem de autoexposição dos romancistas. Método e estilo que legitimam suas ácidas provocações às insanidades da cultura norte-americana na virada do Milênio. Sim, ler Dery não apenas é um passeio crítico pela contemporaneidade, algo esquizofrênica, mas é prazerosa experiência – ups!, alguém aí falou numa trincheira subversiva nas fímbrias do parque de diversões (sanatório pirotécnico) da cultura do entretenimento?

Em ensaios curtos, de leitura sedutora, Dery enfrenta narrativamente facetas da estética cotidiana para desvelar sentidos da contemporaneidade esquiva. Já nas primeiras linhas o leitor sente-se engolfado pela linguagem imagética, inventiva, poderosamente metafórica e relacional, transpirando rara erudição, com trânsito entre a alta cultura, a cultura popular e de massas e as mais recônditas manifestações de subculturas undergrounds. Suas analogias acrobáticas e ousadas associações nos sugerem a cada vírgula novos sentidos. Mas, como um artista, esbaldando-se na doce liberdade do estilo ensaístico, Dery preocupa-se mais com as perguntas do que propria-

mente com as respostas. Não espere conclusões mastigadas, pois seus conceitos desenham-se na bubaia, entre jogos de linguagem, narrativa cenográfica e catadupas de remissões – a intelectuais, bandas de rock, romancistas, ciberpunks, artistas, filmes, séries de TV, blogs, fanzines...

Corrosivo, Dery é politicamente incorreto. Sua inquietação invade os limbos das zonas mortas, intelectualmente vedadas pelas patrulhas ideológicas, pelos dogmatismos, pelo establishment da carreirista burocracia acadêmica. Livre atirador, insurge-se contra os fascismos, à direita e à esquerda, desdenha das perplexidades estéticas da burguesia, ataca o elitismo e repele a mordaza puritana que jugula a América. Milita como intelectual público, falando de coisas muito próximas de todos nós, mesmo quando esquadrinha bizarrices pelas dobras veladas das subculturas subterrâneas, estejam elas associadas a fetiches sexuais ou a seitas evangélicas, como aquela que proclama ser o Papai Noel um deletério agente de uma insidiosa e vasta conspiração satânica.

O Facebook parece-lhe um depósito de mortos-vivos, gancho para inquirir sobre a lógica hipnótica e fugaz das amizades virtuais descoladas da vida cotidiana, ou remeter à aberrante transparência do eu na contemporaneidade difusa.

A vertigem de informações da era on-line desponta como um desdobramento da aceleração da vida, vivida em uma velocidade pós-humana, cujo contraponto se encarna no inusitado culto ao tempo congelado – das fotos de ações imperceptíveis a olho nu, passando pelo slow motion até chegar aos livros de autoajuda com receitas para desacelerar a rotina.

O que nos leva à angústia desesperada da pilha de jornais não lidos no canto da sala, ou sobre a mesa do

escritório, revelando um tempo escoado, cada vez mais roubado por uma literatura invisível, progressivamente onipresente – memorandos de escritório, e-mails infundáveis, spams, blogs, manuais de aparelhos, bulas de remédios –, que num horizonte pós-corporativo e definitivamente on-line pode se tornar acervo mnemônico capaz de explicar a cultura do século XX.

Nos spams, Dery percebe uma “ressonância magnética da mente de massa”, cuja mutação eletrônica, desenvolvida para furar os sistemas de defesa que lhes dão combate, pode ser captada como versão contemporânea da poesia surrealista: ah, se Marcel Duchamp fosse vivo!

Morbidamente, Dery lamenta que a nota suicida seja tão negligenciada como gênero literário. Mas reconhece que as “eloquentes são raras porque o suicídio é o momento em que a linguagem falha”.

Já os incensados blogs frustraram na promessa de um jornalismo alternativo, pois a maioria não produziria conteúdo, chupando-o da mídia convencional, ou veicularia informações com baixo índice de confiabilidade. E caímos no paradoxo de uma era da informação que supervaloriza a subjetividade e expande a credulidade ingênua.

Paradoxos não faltam. A moda camuflada, inspirada nas estampas militares, em tempos conflagrados, é uma glamourização da guerra ou um atestado de alienação? Já os SUVs, utilitários esportivos urbanos, não deixam dúvidas: traduzindo um padrão de consumo arrogante, golpeado pela crise de 2008, com ânsia por diferenciação hierarquizante numa sociedade juridicamente igualitária, como a estado-unidense, converteram-se em símbolo de uma superpotência inconsequente. Rescaldo recente, talvez, do tipo de lógica culturalista excludente que Dery disseca como imantadora dos outrora popularíssimos

testes de QI – carcaças de parceiros silenciosos da eugenia que o instigam a perguntar: o que é a inteligência, afinal?

A f(r)icção científica é um dos terrenos preferidos de Dery, menos, porém, pelas suas representações, do que pelos seus silêncios ou apropriações marginais do mainstream. Fértil é aqui o terreno para a sua guerrilha semiótica – a exemplo de divertidíssimos fanzines jorrando fantasias homoeróticas inspiradas na série Jornadas nas Estrelas. Atento aos abantesmas semióticos da cultura de massas, contexto no qual a ficção científica tende a apresentar a tecnologia como apanágio de um clubinho de meninos brancos, Dery, num de seus ensaios mais famosos, se pergunta por que existem tão poucos afro-americanos escrevendo-a: “pode uma comunidade cujo passado foi deliberadamente apagado, e cujas energias foram subsequentemente consumidas pela busca por traços legíveis de sua história, imaginar futuros possíveis?”. E propõe vasculhar, o que denominou de “Afrofuturismo”, no breakdance das ruas de Nova Iorque, em quadrinhos, na música eletrônica, da Motown ao dub, passando pelo ecstasy, com teclados sintetizados e vozes robotizadas.

E o que significam os zumbis? Muito mais ágeis do que os farrapos rastejantes de alguns anos atrás, os mortos-vivos de hoje condensam o horror à mestiçagem, biológica e cultural, recendem à alienação branca da alteridade, fulguram os piores medos de uma era pós-11 de Setembro, de paranoia e epidemias globais. O zumbi é o pesadelo da mesma mente que vê no golfe um paraíso mirífico. Em tempos turbocapitalistas, o golfe customiza áreas imensas – que poderiam abrigar parques públicos ou zonas de conservação selvagem – em fortificados playgrounds para a elite branca.

Para Dery, a guerrilha semiótica encontra numa arqueologia do grotesco, método privilegiado. Do fascínio

gótico da Inglaterra oitocentista pela decadente Roma às manifestações de sexualidades extremas na Internet, o grotesco é revelador de perturbadoras verdades por trás do mundo que conhecemos. Umbilicalmente conectado à cultura pop dos anos 1980, Dery percebe o grotesco como altamente subversivo, em contraste com o conservadorismo regressivo do gótico. Ninguém mais, aliás, promove um espetáculo Alto-Gótico como o Vaticano!

O grotesco virtual lhe permite apreciar de camarote a tecitura entre a cibercultura e o indivíduo. A ubiquidade da Internet, para Dery, estabeleceu uma aceitação tácita das diversidades, ao mesmo tempo em que fez avançar uma normalização do pornô, revelando o vetor de ampliação das fronteiras da anormalidade na cultura ocidental. Donde um choque esquizofrênico entre o novo e o velho precipita a população numa dissonância cognitiva, de consequências ainda imprevisíveis. Nos Estados Unidos, a sociedade se vê amordaçada pelos valores morais neopuritanos, enquanto a Internet e a cibercultura convidam à expansão e à liberalização e conferem extraordinária visibilidade à transgressão, numa interação dialética que cinzela para cada ação repressiva uma reação transgressora do underground. Amores que não se atrevem a dizer seus nomes são proclamados on-line, numa vingança dos reprimidos, mas expondo aquela que teria sido a maior baixa do século XX: a morte do afeto entre as pessoas.

A verve polemista o empurra para terrenos espinhosos. Depois de identificar no superbowl uma explosão de homoerotismo reprimido, Dery acredita que de tão evidente na sociedade americana a homofobia se torna invisível. Já a suástica usada pelo jovem Príncipe Harry em uma festa a fantasia pode ser sim reveladora de um certo antissemitismo da nobreza inglesa, também

encontrado em personagens da elite americana, como Walt Disney. E, então, Dery teme que o horror do Holocausto esteja sendo banalizado e domesticado, por produções hollywoodianas mercantilizadas e museus convertidos em parques temáticos, numa evisceração da História que tira o passado do seu contexto.

Concorde ou não com Mark Dery, há em suas provocações um irrecusável convite para encarar, com boa dose de humor, o não dito na explicitude que nos cerca.

Gunter Axt
Florianópolis, outubro de 2010.